

Ministério da Educação
Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Artes e Design
Curso de Pós-graduação em Artes
Especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos

Inventário do Acervo Fotográfico do Gymnasio Pelotense



Silvana Delgado Soares de Castro

Pelotas, 2006

Ministério da Educação
Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Artes e Design
Curso de Pós-graduação em Artes
Especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos

Inventário do Acervo Fotográfico do Gymnasio Pelotense

Monografia apresentada sob orientação da
Profª Drª Francisca Ferreira Michelin,
apresentada como requisito parcial e final para
a obtenção do título de Especialista em
Patrimônio Cultural – Conservação de
Artefatos.

Silvana Delgado Soares de Castro

Pelotas, 2006

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
1 – APRESENTAÇÃO DO ACERVO.....	7
1.a – A HISTÓRIA DO COLÉGIO.....	7
1.b – O GRÊMIO DOS ESTUDANTES.....	15
1.c – CONSTITUIÇÃO DO ACERVO.....	16
2 – O DOCUMENTO FOTOGRÁFICO.....	20
2.a – FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO.....	20
2.b – FOTOGRAFIA: DA CONSERVAÇÃO À RESTAURAÇÃO.....	25
3 – FICHA CATALOGRÁFICA.....	32
3.a – FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE.....	32
3.b – EXPLICAÇÃO QUANTO AO PREENCHIMENTO.....	33
3.c – ACERVOS FOTOGRÁFICOS DIGITAIS.....	45
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.01 – Coleção da autora – Primeiro prédio do Colégio Pelotense.....	08
Fig.02 – Coleção da autora – Segundo prédio do Colégio Pelotense.....	09
Fig.03 – CMP-040 – Cartaz exibido nas passeatas.....	12
Fig.04 – Coleção da autora – Atual prédio do Colégio Pelotense.....	13
Fig.05 – CMP-006 – Ginásio de Esportes Dr. João Carlos Gastal.....	14
Fig.06 – CMP-228 – Carimbo de Estúdio Fotográfico (detalhe).....	17
Fig.07 – CMP-026 – Desfile da Semana da Pátria.....	18
Fig.08 – CMP-207 – Interior do segundo prédio onde funcionou o Colégio Pelotense.....	24
Fig.09 – CMP-220 – Sala de aula, segundo prédio do Colégio Pelotense.....	35
Fig.10 – CMP-227 – Biblioteca, atual prédio do Colégio Pelotense.....	36
Fig.11 – CMP-235 – Secretaria, segundo prédio do Colégio Pelotense.....	36
Fig.12 – CMP-221 – Diretoria do Grêmio dos antigos alunos do Colégio Pelotense.....	37
Fig.13 – CMP-228 – Visita da turma de 1933, ao Colégio Pelotense.....	38
Fig.14 – CMP-241 – Grupo de alunos e professores.....	39
Fig.15 – CMP-205 – Grupo de alunos e professores.....	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo salvaguardar fragmentos de memória do Colégio Municipal Pelotense, através da organização de seu acervo fotográfico. Exercendo atividades docentes, nesse Colégio, há onze anos desenvolvemos um vínculo afetivo com o educandário. Ao tomarmos conhecimento de fotografias guardadas em caixas e sacolas plásticas, surgiu a preocupação em preservar estas imagens, pois nestes antigos registros está uma parte da história da instituição. Para aprofundar os conhecimentos na área de organização de acervos fotográficos ingressamos no Curso de Pós-Graduação em Artes, Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos.

A delimitação do período de organização do acervo do Colégio Pelotense tem como marcos temporais a primeira década do século XX, uma vez que a escola foi fundada em 1902, até início dos anos 80, quando o Colégio sofre a modernização da estrutura predial e também administrativa. Nosso trabalho pretende dar ênfase ao acervo fotográfico do Pelotense, para isso as fotos foram inventariadas, seguindo critérios temáticos e cronológicos, apesar de um pequeno número de imagens estarem datadas.

Alguns autores escreveram sobre a história do Colégio Municipal Pelotense. Pode-se citar G. IRUZUM, org. (1952), em Histórico do Colégio Municipal Pelotense – 1902/1952. O autor visa a reconstituição e a complementação do histórico do estabelecimento no seu cinquentenário e faz uso de algumas fotos que permitem identificar o corpo docente e funcional da escola daquele período.

No livro Histórico do Colégio Pelotense – 1902/1983, N. QUEIRÓZ (1986), realiza a atualização da história do Colégio. O autor comenta sobre as mudanças arquitetônicas, a modificação do processo de eleição do diretor, identifica algumas fotos de ex-diretores e professores. Seu estudo complementa a obra de G. IRUZUM (1952), sendo essa o seu referencial, não trazendo também registros fotográficos do corpo discente.

Outro livro que complementou essa pesquisa é O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas, G. AMARAL (1999) faz uma relação entre a Maçonaria e o ensino, evidenciando a disputa ideológica entre maçons e católicos que deu origem à fundação do Gymnasio Pelotense.

A preocupação em preservar a memória também faz parte das instituições de ensino, públicas ou privadas. Este resgate se dá através da constituição do acervo que é formado por boletins, atas, fichas de docentes e discentes, uniformes, principalmente, fotografias, enfim, todo o tipo de material que fez parte da história daquela instituição. A formação de acervos fotográficos tornou-se um importante meio de conservação da memória e história, devido à imensa quantidade de informações que uma imagem pode oferecer. Daí a relevância dada nessa pesquisa à conservação da fotografia.

Para a efetivação dessa pesquisa se tornou necessária à consulta de uma bibliografia especializada em conservação. Devido a sua importância foram utilizadas as obras da FUNARTE (1997), Cadernos de Conservação e o Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos. Também foi feita a leitura do Manual de Preservação de Fotografias, de P. MUSTARDO e N. KENNEDY (2001), além, do livro Como Tratar Coleções de Fotografias, de P. FILIPPI, et al (2002). Que enfatizaram desde a estrutura da fotografia até os elementos essenciais de sua preservação.

A partir dessa revisão bibliográfica nos foi possível ter o embasamento necessário para buscar soluções viáveis para a organização e conservação do acervo do Colégio Pelotense conforme a realidade onde o mesmo está inserido.

Tendo a fotografia como documento histórico, se buscou manter viva a história de um dos mais antigos educandários de Pelotas, por meio de sua memória fotográfica.

1 – APRESENTAÇÃO DO ACERVO

1.a – A História do Colégio

O Gymnasio Pelotense, hoje Colégio Municipal Pelotense, surgiu num período de grande disputa político-ideológico entre maçônicos e católicos, pois ambos queriam preservar e ampliar sua área de influência, especialmente através da educação.

Segundo AMARAL (1999, p.113), a Maçonaria considerava a educação um elemento essencial ao desenvolvimento e manutenção do progresso. Os maçons acreditavam na expansão da educação elementar como sendo a maior arma no combate à desordem social e na conquista do tão almejado progresso do país.

Já existia em Pelotas o Ginásio Gonzaga, criado em 1894 por jesuítas e posteriormente entregue à Irmandade Lassalista. Esse foi o primeiro colégio religioso de ensino secundário em Pelotas.

Sendo a Igreja Católica mantenedora de um estabelecimento de ensino secundário, a Maçonaria, partiu para a implantação de um educandário que, seguisse os ideais maçônicos na área da educação e superasse em qualidade o “Gonzaga”.

Em 24 de outubro de 1902, as sociedades maçônicas Antunes Ribas, Lealdade e Rio Branco concretizaram a idéia de criar uma instituição educacional maçônica: o Gymnasio Pelotense.

O estabelecimento de ensino, começou a funcionar à rua Miguel Barcelos, na antiga residência do Barão de Itapocai, onde hoje está a Escola Monsenhor Queiroz. Conforme QUEIROZ (1986, p.11), o primeiro corpo docente do Pelotense era assim formado: “Dr. Francisco José Rodrigues de Araújo, Dr. Manuel Serafim Gomes de Freitas, Carlos André Laquintinie, João Afonso Correa de Almeida, Dr. Otávio Faria, Dr. Hipólito Cabeda, Benjamim de Souza Oliveira, Francisco de Paulo Laquintinie, Joaquina Ramos, Cristóvão Ferrando, Dr. Carlos F. Ramos, Dr. Francisco Simões Lopes e Jacques Reischer.”



Fig. 01 – Primeiro prédio em que funcionou o Colégio Municipal Pelotense
Dimensões: 10x15cm
Data: 2004
Fonte: Coleção da autora

O Gymnasio começou como internato e externato. Aos alunos cabia pagar uma razoável quantia trimestralmente e o valor variava de acordo com a série a ser cursada. Para alguns alunos dados como carentes, o colégio concedia a isenção do pagamento das mensalidades.

Em setembro de 1903 o Gymnasio foi transferido para o palacete da família Ribas, então adquirido pela Maçonaria e situado à rua Félix da Cunha esquina Tiradentes. A escola permaneceu aí até 1961. Hoje o prédio abriga o Colégio Sallis Goulart (fig.2).



Fig. 02 – Segundo prédio em que funcionou o Colégio Pelotense
Dimensões: 10x15cm
Data: 2005
Fonte: Coleção da autora

O Pelotense iniciou suas atividades com doze educadores, alguns eram profissionais formados em Direito ou Medicina. “Os primeiros docentes eram membros da Maçonaria escolhidos entre a elite intelectual da cidade. Com o tempo foram também convidados alguns professores que se tornaram ‘maçons’, provavelmente para que fossem melhores aceitos dentro do grupo.” (AMARAL, 1999, p.128).

Em 1911, em prédio anexo ao Gymnasio Pelotense foi inaugurada a Faculdade de Farmácia e Odontologia. E em 1913, foi fundada as Faculdades de Agrimensura e de Direito. No segundo ano, após sua criação a Faculdade de Direito desliga-se do Gymnasio, indo funcionar no prédio da Biblioteca Pública Pelotense. O desligamento ocorreu como consequência do não incentivo das lideranças maçônicas que atuavam no Gymnasio à Faculdade em detrimento do incentivo que outros maçons, ligados a famílias tradicionais de Pelotas, prestavam ao curso.

Em 1915, nos salões da Biblioteca Pública, foi realizada a colação de grau das primeiras turmas de alunos diplomados em curso superior. A faculdade de Agrimensura teve curta duração, possuindo poucos professores e formando apenas cinco alunos, todos do sexo masculino, como consta no Histórico do Colégio Municipal Pelotense, escrito no cinquentenário da instituição, em 1952. O desligamento das faculdades, portanto, deu-se pelo descontentamento da comunidade escolar com a interferência dos maçons nas questões internas do Gymnasio. A Faculdade de Farmácia e Odontologia, era vista como a “menina dos olhos” por ser o primeiro curso superior do Gymnasio, razão pela qual no momento em que foi proposto o seu desligamento, a Maçonaria, juntamente com alguns professores fundadores, resolveu manter a Faculdade adjunta ao Gymnasio. Passaram a existir, então, duas faculdades reivindicando o mesmo nome e origem: “Faculdade de Farmácia e Odontologia de Pelotas, fundada em 21 de setembro de 1911”. A diferenciação entre as instituições se dava por sua localização: uma anexa ao Gymnasio, outra localizada no prédio da rua Marechal Floriano. As duas faculdades existiram de 1914 até 1920, período no qual se deu uma grande disputa entre ambas, principalmente através dos jornais, que divulgavam os seus trabalhos. Quando a faculdade anexa ao Gymnasio foi extinta,

o município encarregou-se de subsidiá-la. Com o tempo houve a fusão dos dois estabelecimentos.

“No primeiro ano de funcionamento o Gymnasio contava com cento e trinta alunos sendo que destes, trinta e cinco eram internos e semi-internos.” (AMARAL, 1999, p.134). Os educandos do Pelotense, em sua maioria, eram oriundos de famílias de maçons e pertenciam a uma classe média emergente, ou seja, eram filhos de profissionais liberais, comerciantes, industriais e intelectuais. Havia também alunos de outras cidades, sendo alguns filhos de fazendeiros.

Até 1912, as turmas do Gymnasio eram exclusivamente formadas por estudantes do sexo masculino. No entanto, na primeira turma do curso de Farmácia e Odontologia, deste mesmo ano, havia uma aluna, Corina Fagundes (AMARAL, 1999, p.136). Em 1915, o Gymnasio Pelotense passou a constituir turmas mistas nos cursos primário e secundário. A inauguração do internato e externato para meninas no Colégio São José, em 1910 talvez tenha influenciado a Maçonaria sobre tal decisão, pois continuava a disputa ideológica entre maçons e católicos.

Em 1917, o Gymnasio passou à administração municipal. A municipalização do educandário está relacionada à legislação de ensino e aos problemas administrativos, além da Maçonaria apoiar o ensino público. Com o tempo, foi necessário que o governo municipal fizesse melhorias no prédio. A reforma, a aquisição de mobiliário e de material de ensino, se fez necessário, em função de um incêndio que, em 1923, destruiu grande parte do Gymnasio.

Em 1920, o governo municipal, sob a chefia do Dr. Cipriano Correa Barcelos, municipalizou a instituição, fato que foi efetivado em 1924, na administração do Dr. Pedro Luiz Osório. Talvez seja desta época os apelidos “Gatos Pelados” – “GP”, Gymnasio Pelotense e “Galinhas Gordas” – “GG”, Gymnasio Gonzaga, apelido provavelmente atribuído aos alunos do Pelotense por virem de uma classe social emergente. Para GONÇALVES (1988, p.01), “Gato Pelado, é um sinônimo de amor ao trabalho, ao estudo sério, independência, irreverência ao erro e culto das coisas que engrandecem o Educandário e a Pátria na elaboração de uma sociedade maior e mais rica”.

A irreverência dos educandos está registrada nas fotografias das passeatas que eram organizadas pelo Grêmio dos Estudantes. O mesmo se pode observar nos registros fotográficos dos cartazes confeccionados pelos próprios alunos, às críticas a acontecimentos da época (fig.03).



Fig. 03 – Cartaz exibido nas passeatas
Dimensões: 8x7,5cm
Sem data
Fonte: CMP-040

A Maçonaria, mesmo com a efetivação da municipalização do Gymnasio, continuou a exercer sobre ele sua influência. Na entrega da escola ao município, foi estabelecido um contrato em que ficaram resguardados não só os fins da sua criação como também seu patrimônio. Durante décadas, se pode observar os estreitos laços que continuaram a unir o Gymnasio à Maçonaria, fator este, que contribuiu bastante para que o Pelotense continuasse a manter sua qualidade de ensino. Por decreto de 20 de janeiro de 1943, o Gymnasio passou a funcionar sob a denominação de Colégio Municipal Pelotense.

Em 1948, foi nomeado para o cargo de diretor do Colégio o advogado Dr. Alcides de Mendonça Lima, o qual teve grande apoio do prefeito da época Dr. Joaquim Duval, principalmente, quanto à construção de um novo prédio, que atendesse às reais necessidades do Colégio. Sendo assim, a Prefeitura adquiriu uma área de três hectares, situada à Av. Bento Gonçalves.

No ano de 1952, ano do cinquentenário, o então prefeito Dr. Mário Meneghetti incluiu em seu programa de governo, a construção do novo edifício. Somente em 24 de outubro de 1961, que foi inaugurado o atual prédio na gestão administrativa municipal do Dr. João Carlos Gastal, tendo como diretor geral o Prof. Rafael Alves Caldela, um dos responsáveis pela concretização de tal evento.

O novo Colégio se constituiu de um edifício de dois pavimentos, com cerca de mil metros quadrados de área construída. O prédio apresentava capacidade para mais de 2400 alunos, com estrutura para um terceiro pavimento, construído posteriormente.



Fig. 04 – Atual prédio do Colégio Municipal Pelotense
Dimensões: 10x15cm
Sem data
Fonte: Direção do Colégio Pelotense

Dois anos depois, em 24 de outubro de 1963 foi inaugurado o Ginásio de Esportes Dr. João Carlos Gastal (Fig. 05). Durante a direção do Prof. Platão Alves da Fonseca, no período de 1964 a 1973, foram construídos os pavilhões das oficinas de Técnicas Industriais e o Setor Gráfico do Colégio. Sob a mesma direção, foi fundado o Grupo de Escoteiros Humaitá-Sul, o Clube de Correspondência “Amigos”, o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Sul, a sede dos Funcionários, o teatro, o Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), o Centro Cívico “Dr. Francisco José Rodrigues de Araújo”. Atualmente, alguns destes serviços já não existem.



Fig. 05 – Ginásio de Esportes Dr. João Carlos Gastal
Dimensões: 9x9cm
Sem data
Fonte: CMP-006

No ano de 1977, foi nomeado Diretor Geral, o Prof. Antonio Edgar Nogueira que começou inúmeras mudanças no educandário: a troca do mobiliário das salas de aula por mesas e cadeiras revestidas de fórmica; a reforma do Regimento do Colégio, alterando o sistema de conceito para o sistema de notas; novos materiais para os laboratórios; modernização das dependências da biblioteca; reativação do Coral, do Orfeão e do Grupo de teatro dos Gatos-Pelados. Implantou a merenda

escolar nos três turnos, remodelou a secretaria e obteve através do Ministério da Educação e Cultura, em Brasília, uma verba para a construção do auditório externo do Colégio, que foi inaugurado em maio de 1982 e que hoje leva o seu nome.

Neste século de existência, esta escola foi marcada por conquistas e inovações. Considerada a maior escola pública da América Latina, acolhe cerca de 3435 alunos, 250 professores e 90 funcionários, e é motivo de orgulho para a comunidade pelotense, pois é um marco na história regional.

1.b – O Grêmio dos Estudantes

O primeiro Grêmio dos Estudantes do Gymnasio Pelotense, começou a funcionar no segundo mês após a fundação da escola. Foi criado pelos alunos e era uma espécie de sociedade literária, nas datas cívicas eram realizadas sessões comemorativas pelo grupo. A data da Revolução Francesa sempre era lembrada pois aproveitavam para exaltar os ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, tão importantes para os maçons e republicanos da época. Estas reuniões aconteciam no auditório, animadas por banda de música, e prestigiadas por professores e alunos do Gymnasio, parentes, amigos e convidados ilustres.

Segundo AMARAL (1999, p.142), “entre 1909 e 1911, não há referências nos jornais sobre a atuação do Grêmio dos Estudantes. O período coincide com a formatura da primeira turma de bacharéis (muitos deles participavam do Grêmio), e com a inclusão de atividades e exercícios militares, que passam a ser ministrados aos alunos de diversos estabelecimentos escolares da cidade.”

O segundo Grêmio, chamado “24 de outubro”, foi fundado em 1911, destacou-se por promover o desenvolvimento intelectual de seus associados e em combater a Reforma do Ensino.

Em 20 de junho de 1927, foi reativado o atual Grêmio dos Estudantes do Colégio Pelotense. GONÇALVES (1988, p.01), “salienta as principais atividades deste Grêmio: colaboração com a Direção do Educandário; comemoração do Dia do Gato; passeata humorística; organização de bailes e festivais; competições

desportivas; publicações sobre a vida dos Gatos: “Hebe” (revista que circulou com apenas dois números) e “O Estudante”, revista mensal, fundada em 1934, que resistiu por mais de 30 anos.” Atualmente existe um exemplar da revista Hebe - edição comemorativa do cinqüentenário do Colégio Pelotense, datada de 24 de outubro de 1952 e alguns exemplares da revista Estudante todos guardados na Sala do Museu do Colégio. As atividades do Grêmio dos Estudantes marcaram a cidade nas décadas de 40, 50 e 60.

Segundo QUEIROZ (1986, P.50-51), “A Passeata dos Gatos-Pelados, “era uma explosão de alegria e bom humor”, “verdadeiro mini-carnaval de inverno”, que provocava os mais desencontrados comentários, em face da irreverência e elevada dose de humorismo que transbordava através dos cartazes apresentados(...) Até 1963, durante o encerramento da Semana do Gato-Pelado, as ruas da cidade enchiam-se de populares contagiados com o divertido espetáculo.” O mesmo autor, ainda salienta, “que apesar do ostensivo policiamento oferecido pela Brigada Militar, eram freqüentes os incidentes entre os “Gatos-Pelados” e seus tradicionais rivais “Galinhas-Gordas”.

No desfile do centenário, 2002, o qual fizemos parte, ao passarmos enfrente ao Colégio Gonzaga, fomos homenageados com faixas e cartazes.

1.c – Constituição do Acervo

Infelizmente, somente a partir da década de 80, do século passado, é que as instituições começaram a se preocupar em recuperar e conservar sua história. Até então muita coisa se perdeu no tempo, no caso das instituições de ensino foram boletins, quadros de formatura, atas, fotografias. Com o Colégio Pelotense não foi diferente. O acervo que constitui o objeto desse trabalho foi encontrado por um funcionário dentro de caixas de papelão durante uma limpeza, em uma sala que funcionava o almoxarifado. Por pedido da Direção as fotografias foram entregues no Serviço de Audiovisual do Colégio. As fotos menores foram armazenadas em uma pequena caixa e as maiores em um saco plástico; ficaram no Audiovisual sendo, posteriormente, entregues na Biblioteca da escola. Tomamos tal decisão por existir na mesma, material sobre a história do educandário. O acervo fotográfico do Colégio Pelotense é constituído por imagens

de diversos períodos que retratam professores, alunos, salas e setores da instituição, em maioria, desfiles e passeatas do Grêmio.

O conjunto é formado por 243 peças avulsas, sendo duas fotocópias dos originais, e oito fotografias coladas em cartão. Além de um clichê, chapa metálica usada na impressão de fotos, cuja medida é de 8,9x8,7cm e espessura igual a 1mm. Onze fotos possuem a identificação do estúdio fotográfico: Studio Del Fiol (2), studio L. Lanzettas (1), Repórter Dez (1) (Fig.06), Barros (1), Foto Studio Pelotas (3), Foto Santos (2) e Arte Photographica – Waldemar Mitzcun (1).



Fig.06 – Carimbo de Estúdio Fotográfico (detalhe).
Sem data.
Fonte: CMP-228

No acervo foi encontrada apenas uma foto colorida, sendo as demais em preto e branco. De diversos tamanhos. Com formato irregular, em sua maioria, as peças possuem medidas diferentes na altura e na largura, possivelmente causado por recorte ou rasgos. Para determinar o tamanho de cada fotografia consideramos o lado maior, tanto na altura quanto na largura.

As fotografias mais antigas são de professores e alunos sentados alinhadamente e em grupo. Há fotos dos desfiles da Semana da Pátria, das salas mobiliadas e de quando foram esvaziadas para a mudança de prédio.

Destacam-se também, fotografias de grupos de formandos, reuniões da Congregação e de diversas comemorações (Fig.07).



Fig.07 – Desfile da Semana da Pátria
Dimensões: 8,5x14cm
Sem data
Fonte: CMP-026

O maior número de fotografias é das passeatas que eram organizadas anualmente pelo Grêmio. A maioria delas retrata os cartazes que serviam para ilustrar o evento. Os temas dos cartazes são variados, apresentam críticas a acontecimentos sociais, culturais e políticos da época, mostram fatos não só municipais, mas em nível de país e mundo, demonstrando que os estudantes do Colégio Pelotense eram indivíduos conscientes da realidade em que viviam, tendo como base à filosofia maçônica de formar cidadãos capazes de viverem em uma democracia e assim, auxiliar no progresso do país. É importante salientar que muitas destas fotos retratam a disputa entre Gatos-Pelados e Galinhas-Gordas.

Quanto ao estado de conservação, a maioria das fotografias apresenta marcas de lápis, caneta, carimbos, cola, rasgões e recortes. As mais antigas estão desbotadas pela ação do tempo e pelo mau armazenamento. O presente trabalho prevê as necessárias etapas de organização e armazenagem das fotografias, buscando sua preservação, conforme o estabelecido nos Cadernos Técnicos da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE).

As fotos foram inventariadas, ou seja, numeradas, armazenadas em envelopes de papel, numerados e guardados em pastas de polionda, tipo arquivo, também numeradas.

O conjunto de imagens foi digitalizado em formato JPEG, sendo feito uma ficha catalográfica para cada fotografia, ficando gravado em CD-ROM.

2 – O DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

2.a – Fotografia Como Documento

No início do século XX, numa Europa em plena expansão industrial e numa sociedade que se tornava cada vez mais complexa e necessitada de novos tipos de registros é que surge a fotografia, resultante de uma série de descobertas científicas na área da ótica e da química.

A invenção da fotografia, representa um impacto mental e uma transformação radical do pensar. Segundo MICHELON (1997, p.14), “ela muda a visão das massas, até então o homem comum não podia visualizar mais do que os acontecimentos que passavam perto dele, na sua rua, na sua cidade.” A imagem fixa permitia “ver por mais tempo” e “ver mais longe”, prolongando o alcance do olhar no tempo e no espaço.

Primeiramente, foi atribuída à fotografia a função de registrar descobertas científicas, como os hieróglifos do Egito, monumentos e estátuas antigas ou também obras em andamento, pois foi no trabalho de identificação, inventário e preservação dos monumentos históricos e artísticos que a fotografia iria participar desde os primórdios de sua existência. Razões técnicas impediram que o homem fosse o primeiro tema da fotografia. Os materiais sensíveis à luz, inicialmente, obrigavam a uma exposição extremamente longa na câmara obscura, o que só possibilitava fotografar objetos inanimados e pessoas que se sujeitassem à imobilidade por alguns minutos.

STRICKLAND (2002, p.95), em seu livro, conta que o imperador Napoleão III, diante de um estúdio, chegou a interromper sua marcha para a guerra para tirar retrato. Embora o registro individual tivesse grande aceitação, não se podia, ainda, falar em difusão da fotografia, pois o desejo de perpetuar sua própria imagem permanecia, até meados do século XIX, aos mais abastados, em razão do custo. Em 1854, aproximadamente, surge a Carte de Visite (Cartão de Visita), que encontrou a maior popularidade, se tornando, em pouco tempo a grande moda, originando o hábito da troca desses cartões entre familiares e amigos. Embora menor que o retrato, pois media 9x6cm, sua disseminação se deu pelo baixo custo, conferindo a fotografia uma verdadeira dimensão industrial. A Carte de Visite, deu origem a uma outra tendência, representada pelo álbum de família.

A fotografia torna-se um fenômeno comercial, por volta de 1880, quando surgem as câmeras portáteis. Ainda no século XIX, anos 50, a fotografia é usada em reportagens militares, documentando cenas de guerra. Também permitiu, através da fotografia criminal e do foto-retrato, a elucidação de crimes e a identificação de criminosos.

Segundo FABRIS (1998, p.32), são organizadas expedições fotográficas para registrar “vestígios das civilizações passadas”. Ao mesmo tempo, em que se passa a documentar os usos e costumes diferentes dos ocidentais, de territórios e de caminhos, com o intuito francamente propagandista. Nota-se que aos poucos a fotografia começa a ter um papel diferente que não é apenas o de retratar pessoas, mas o de registrar fatos ou acontecimentos da época. Surge a “fotografia documental”, registro de um assunto determinado e que ser dividido por classes ou categorias de documentação, sendo jornalística, antropológica, social, arquitetônica, urbana ou tecnológica. Estas classificações são pouco convincentes pois uma foto permite leituras sob diferentes abordagens, nas mais diversas áreas do conhecimento (KOSSOY, 1999, P.51).

De acordo com MICHELON (1997, p.15), “o que faz, primeiramente, uma imagem ser um documento fotográfico é o compromisso inexorável de apresentar as evidências de uma verdade. Não compete à fotografia a enunciação do fato, mas a presentificação dos dados que deve ter primazia.” Somente na década de 80, do século XX, é que a fotografia começa a ser valorizada e vista como um

importante instrumento de pesquisa, pois, desde o seu surgimento passou a fazer parte da vida cotidiana e social das pessoas. Sendo assim, o que chega até nós são fragmentos do passado que contribuem efetivamente para a recuperação de informações, além de se constituírem em ilustrações para a própria história.

A fotografia é a eternização do passado, por ela o observador tem em suas mãos o comprovante de instantes vividos, congelados numa fração de segundos. A fotografia eterniza os fatos, nos traz recordações do passado para o presente, os momentos felizes ou tristes, desagradáveis ou engraçados que parecem apagados em nossa memória mas que são lembrados através da observação de uma simples foto. Uma mera imagem nos faz lembrar da nossa infância, do rosto angelical de uma criança, do carinho da família, dos amigos, dos passeios, das paisagens, nos leva a lugares desconhecidos...cabe aos homens não congelá-los no tempo. Portanto, fotografia e memória se confundem. A memória pressupõe o resgate e a preservação do patrimônio cultural, o indivíduo deve ter acesso aos bens materiais e imateriais que representem seu passado, suas tradições, sua história. É com a recuperação de sua história que se constrói a identidade cultural e que se mantém vivo os valores pessoais, o sentido de apropriação, de ser responsável pela manutenção e/ou transformação do seu contexto.

A proteção do patrimônio fotográfico é uma questão cultural mas pela desinformação da maioria das pessoas, apenas um pequeno grupo está preocupado com a segurança das informações históricas e contemporâneas que se acham gravadas neste tipo de documento, como os álbuns de família, por exemplo. Ainda não foi percebida a importância da fotografia como artefato de época, que traz informações de arte, técnica e conteúdo. Em geral, as fotografias sobreviventes do passado se encontram espalhadas nos mais diferentes locais como acervos familiares, museus públicos e privados. As instituições mantenedoras deste tipo de documentação devem estar atentas, pois à medida que esta se distancia da época em que foi produzida se tornam mais difíceis às possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e portanto, menos úteis ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta, existem dois itens que devem ser salientados em um documento fotográfico: a procedência e a trajetória. O primeiro busca a origem do documento fotográfico, requer um registro exato de sua existência e a revelação de seu conteúdo. O segundo item, deve proporcionar a análise da fotografia como documento.

Terminada a primeira etapa, que diz respeito à localização e seleção das fontes se inicia num segundo momento. KOSSOY (1989, p.58-59), nos fala de dois tipos de análise pelas quais deve passar o documento fotográfico: análise iconográfica e análise iconológica. A primeira, constitui-se num conjunto de informações como a técnica utilizada, o fotógrafo, o período em que foi produzida a fotografia. Já a segunda, é formada por um conjunto de informações que compõem o conteúdo presente no documento, são as informações visuais que devem ser minuciosamente descritas.

A interpretação da imagem insere-se no campo da análise iconológica. Através do assunto registrado no documento é possível chegar à situação que envolveu o referente no contexto vivido. Esta interpretação se torna possível quando entendemos que uma única fotografia contém inúmeras informações sobre um determinado momento.

Por um longo período acreditou-se no caráter de realidade e exatidão da fotografia. O passado sempre será visto segundo a interpretação do fotógrafo que optou por um certo aspecto, o qual foi objeto de manipulação durante todo o processo até a imagem final, conforme MICHELON (1997, p.15), aquilo que a imagem apresenta é o que foi registrado por um princípio operante do próprio aparelho que faz o registro. É possível observar que numa simples fotografia existem interesses, finalidades, o que torna o trabalho de análise mais instigante.

No caso das fotografias do Colégio Municipal Pelotense, se nota que tendem a engrandecer a instituição de ensino destacando, principalmente, as atividades comemorativas em que aparece o nome, os símbolos da escola e as pessoas que fizeram e que, de alguma forma, ainda fazem parte desta história.

O registro fotográfico é a interpretação, devemos pensar no que está além daquela imagem. A compreensão se dará através da relação com as mais diversas fontes que informam sobre o contexto social, político, econômico, dos costumes e da cultura da época. Com base nisto, há possibilidade de se reconstruir uma parte da história do Pelotense através das suas fotografias, pois, em maioria, pertencem a um período que vai da primeira década do século XX até início dos anos 80 deste mesmo século. O conjunto é constituído, na maior parte, por imagens comemorativas e de grupos de alunos, professores e funcionários; as fotos dos setores da escola, em menor número, são do segundo prédio e outras do atual.



Fig. 08 – Interior do segundo prédio onde funcionou o Colégio Pelotense
Dimensões: 12x17cm
Sem data
Fonte: CMP-207

As fotografias nos mostram a organização e disciplina do Colégio, a simplicidade do mobiliário e a expressão de orgulho dos alunos e professores. Observa-se que durante um período o uniforme foi em estilo militar, mesmo antes de terem sido incluídas atividades militares nos estabelecimentos escolares da cidade, o que ocorreu por volta de 1909, segundo AMARAL (1999, p.169-170), estas atividades transcorreram na época das duas guerras mundiais. Os alunos passaram a ter instrutores militares que os preparava para uma eventual necessidade de defesa dos interesses da pátria. No Gymnasio havia armas e todo o material necessário para o treinamento.

É interessante ressaltar que os ideais maçônicos de liberdade, patriotismo, culto à verdade e à justiça eram sempre lembrados e destacados nos desfiles, nas manobras militares ou nas passeatas organizadas pelo Grêmio.

2.b – Fotografia: Da Conservação à Restauração

A preservação de fotografias, sejam elas registros de um momento festivo ou a pose de um grupo de alunos, deve ser priorizada não apenas por seus valores estéticos mas também por sua relevância, uma vez que são representantes de um momento histórico-cultural.

O ato de preservar, significa, conservar, resguardar de danos ou da deterioração; quando isto acontece estamos mantendo viva a memória e a cultura de uma sociedade formada por seus costumes e crenças. Em razão disso, a CONSTITUIÇÃO DO BRASIL (1988, p.97), no artigo 216, reconhece que “Constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira...”

A valorização dos bens patrimoniais conserva a identidade do país. Com essa intenção, em 1936, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o S.P.H.A.N.; um órgão federal cuja função era proteger os bens

artísticos, arquitetônicos e culturais; através de tombamento, feito por inscrição de todo o bem móvel ou imóvel – privado ou público, em livro Tombo, ficando o mesmo sob a custódia do Estado.

O Serviço passou a ser denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, I.P.H.A.N., no ano de 1970.

Na Resolução nº. 94/70, se decidiu pelo uso de 5% (cinco por cento) da cota do fundo de participação dos Estados e municípios, para ações preservacionistas, em convênios com o I.P.H.A.N. Sendo que, no Rio Grande do Sul, esse órgão atua em consonância com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, o I.P.H.A.E. São eles os responsáveis, juntamente com os Fundos e Conselhos Municipais de Cultura, formados por vários segmentos da sociedade, pela conservação e fiscalização do comércio de obras de arte.

A ABRACOR (Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais), disponibiliza em seu *site* o texto completo da Lei do Direito Autoral – nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998, nesta Lei a fotografia é considerada como obra intelectual, e está protegida:

Art. 7º: São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

VII – As obras fotográficas e as produzidas por qualquer processo análogo ao da fotografia.

A preservação do patrimônio de um país é responsabilidade primeiramente, do município em que o bem se encontra, depois do Estado e, por fim, da nação, que supervisiona as ações desses. Todas essas instâncias devem promover políticas culturais capazes de preservar a identidade de seu povo, desenvolver leis patrimoniais e uma educação conscientizadora dos valores dos bens históricos. A conservação de imagens forma um novo campo de interesse e pesquisa, por isso tem sido desenvolvidas metodologias e técnicas adequadas com a finalidade de preservar os registros fotográficos.

Para CARTIER-BRESSON (1997, P.34), “as concepções e a prática do restauro de fotografias evoluíram no curso de sua própria história. A idéia de conservação e de restauração está ligada a história das maneiras de considerar as obras e as intenções de prolongar-lhes as qualidades no tempo.”

O sentido mais amplo de conservar e restaurar consiste em divulgar conhecimentos e conservar a memória. A fotografia, é um exemplo disto, pois retrata diferentes aspectos da vida passada, pública ou privada, distinguindo o ontem do hoje, fazendo uma ligação entre o passado e o presente e nos dando uma noção de continuidade.

O entendimento de que a fotografia desempenha um importante papel cultural e histórico evolui a partir dos anos 1960-70, nos Estados Unidos e na França. Até então muitas imagens ficaram perdidas. A consciência do desaparecimento progressivo das fotografias antigas se estenderá à fotografia moderna e contemporânea, dando origem a um mercado especializado que contribui para definir os diferentes tipos de cópias (tiragem original, tiragem de época...), também quanto a suas qualidades como aspecto formal, técnico e de conservação.

Com a redescoberta dos mestres da fotografia do século XIX, foram formadas coleções especializadas, também se desenvolveu pesquisas resultando numa tomada de consciência das dimensões estética, cultural e didática das imagens. A necessidade de constantes consultas dos pesquisadores às fotografias originais resultou em danos neste material, isto é, na perda da sua qualidade pictórica e até mesmo de informações que elas continham.

MUSTARDO (2001, p.8-15), enumera os principais fatores que contribuem para a deterioração das fotografias, muitos deles irreversíveis, são eles:

- Áreas de armazenamento inadequadas: a mais importante é a umidade relativa (UR). Altos níveis de UR provocam o inchamento e amolecimento das fotografias, estas quando amolecidas podem aderir a qualquer superfície com que estejam em contato. Já os níveis baixos de UR causam deformação física às fotografias.

- Ataques biológicos: fungos, insetos e até roedores podem danificar as fotografias, isto acontece quando há nível elevado de umidade relativa (UR), acúmulo de poeira dentre outros.
- Qualidade do ar: compostos químicos transportados pelo ar, e combinados com a umidade atmosférica geram compostos que podem deteriorar os materiais fotográficos. Outras fontes prejudiciais são as tintas à base de óleo; aglomerados e laminados de madeira; vernizes; produtos de limpeza... As partículas de poeira ou fuligem também causam deterioração. A exposição à luz pode contribuir para o esmaecimento de muitos tipos de fotografias.
- Materiais de acondicionamento: muitas vezes as fotos passam a maior parte de suas vidas em contato com materiais (envelopes e pastas, de plástico ou papel, por exemplo) que são de pouca qualidade e/ou mal projetados causando sérias deteriorações ao longo do tempo.
- Manuseio incorreto; negligência; tentativas de conservação desastradas ou mal informadas e até danos intencionais são as maiores causadoras da danificação de fotografias.

Após a Segunda Guerra Mundial desenha-se, no domínio da restauração, uma corrente crítica que dá nova atenção à história da arte e à estética. Surge o restauro crítico, que não obedece apenas aos critérios técnicos, mas leva em conta a integralidade do objeto: sua história, seu contexto cultural, sua estética e sua evolução temporal. O restauro limita-se a intervenções mínimas que devem ser reversíveis e cientificamente controladas.

É então que se desenvolvem novas idéias para restauração, ocasionando o desenvolvimento de metodologias e técnicas adequadas à conservação de imagens. Independente das dificuldades a conservação e/ou restauração das fotografias fez sensíveis progressos desde que foi reconhecida como uma especialidade no campo da conservação. Ainda existem muitos obstáculos para o reconhecimento desta disciplina, pois em alguns países é inexistente e na Europa a situação ainda é frágil.

PAVÃO (1997, p.39-44), enumera oito pontos básicos para a conservação de uma coleção de fotografias. São os seguintes:

- Observação e descrição: a primeira etapa deve limitar-se à observação geral, sem intervenção (pré-inventário). Posteriormente, as peças serão examinadas individual e minuciosamente, resultando na ficha de inventário. Nesta fase, podem ser realizados a limpeza, a numeração e o acondicionamento em embalagens apropriadas.
- Controle de ambiente: é a medida mais importante para preservar este documento. O controle das condições ambientais envolve cuidados com a umidade relativa (UR), com a temperatura, com a exposição à luz e com a poluição.
- Organização: uma coleção bem arrumada e numerada reduz ao mínimo a manipulação, evitando danos físicos nas peças. Na organização se torna fundamental a atribuição de um número para cada uma delas. O número nos indica a que grupo ou coleção pertence cada imagem, sua localização no acervo, e outros.
- Acondicionamento: a embalagem deve adequar-se à peça que protege, ao tipo de utilização que tem e ao seu estado físico. As embalagens individuais resguardam do pó, da manipulação, das condições do ambiente. As caixas, gavetas e fichários onde são acondicionadas as embalagens, mantêm as peças agrupadas por semelhança, evitam o excesso de peso e auxiliam na organização. Por fim os armários que devem ser de aço ou alumínio.
- Controle das condições de uso: o manuseio de fotos exige alguns cuidados, como: uso de luvas para pegar nas provas ou negativos; segurar as provas com as duas mãos, principalmente as de grande formato ou as montadas em cartões fragilizados; trabalhar sobre uma mesa; não escrever sobre as fotografias; não usar cliques, cola, fita adesiva ou etiqueta gomada sobre as imagens.
- Cópia e duplicação: a reprodução de um original evita a sua utilização, que muitas vezes pode ser danificadora, principalmente nos casos onde há provas sensíveis à luz; onde há suportes frágeis; ou peças que se encontram deterioradas, manchadas e/ou

rasgadas. A duplicação por meio do computador possibilita as correções da imagem nos mais diferentes níveis.

- Reparação de peças danificadas: o restauro não tem em fotografia tanta importância como em outros setores, a intervenção deve se limitar apenas onde houver necessidade. As formas de deterioração que ocorrem em imagens são geralmente irreversíveis. Não se pode recuar a alteração de cor, por exemplo, a não ser que se recorra à duplicação e à cópia. As peças que sofreram maus tratos físicos devem ser reparadas, deixando visíveis às marcas.
- Formação de técnicos: os funcionários ligados ao acervo devem ter formação geral no campo da conservação, principalmente no que diz respeito à fotografia. É importante conhecer sobre o processo fotográfico; os cuidados com as peças; reconhecer as formas de deterioração e porque são causadas; saber sobre as normas de conservação e aplicá-las; ter noções de informática para consultar e introduzir dados no computador, caso a coleção esteja informatizada ou haja um projeto em andamento.

Com o rápido desenvolvimento da tecnologia das imagens eletrônicas o computador tornou-se um auxiliar no campo da preservação de fotografias. A digitalização de imagens permite que sejam manuseadas, acessadas e impressas rapidamente. Além disso, salienta MUSTARDO (1997, 23-26), o uso do computador na restauração de fotografias já é bem conhecido, é possível utilizar seus serviços para substituir grandes áreas de perda, reparar rasgos graves, realçar cores perdidas ou corrigir desequilíbrios de cores em fotografias originais. Também aponta que “qualquer que seja o benefício imediato das imagens eletrônicas, a segurança e a preservação ao longo prazo de fotografias originais deve ser mantida como objetivo supremo.” (MUSTARDO, 2001, p.19)

Em 1985, a FUNARTE, querendo estabelecer uma uniformidade nas informações dos acervos fotográficos do país, criou um manual de catalogação. Este material veio beneficiar o registro dos dados, facilitando a recuperação dos documentos fotográficos. Na ficha catalográfica elaborada pela FUNARTE, que tem servido de modelo para todas as instituições, devem estar contidas

informações que possibilitem um diagnóstico do local onde se encontra o acervo, os cuidados com o manuseio, além de informações como título, local e data da imagem, assim como a descrição física da mesma.

Depois desta breve abordagem sobre a utilização da fotografia como fonte de pesquisa histórica, passamos a sua organização por meio de uma ficha catalográfica que segue as normas designadas pela FUNARTE, mas que atende as necessidades particulares do acervo fotográfico do Colégio Municipal Pelotense.

3 – FICHA CATALOGRÁFICA

3.a – Ficha Catalográfica do Acervo Fotográfico do Colégio Municipal Pelotense

Depois de terem sido inventariadas e armazenadas corretamente, as fotos devem ser catalogadas, o resultado é a organização do acervo, possibilitando o conhecimento do seu estado de conservação (o qual deve ser revisto a cada dois anos por indicação da FUNARTE).

Usamos como base, a ficha apresentada na monografia de Maria Augusta Martiarena de Oliveira, a qual foi usada na organização do Acervo Fotográfico do conservatório de Música de Pelotas. Embora sendo clara e prática na disposição dos itens, se tornou necessário fazermos algumas adequações na ficha, que estivessem de acordo com a realidade do Acervo do Colégio Pelotense. Consiste de uma ficha individual para cada imagem, onde está incluída sua reprodução; isto é importante para evitarmos o manuseio constante do original. Constam na ficha informações sobre a localização da imagem no acervo, a forma de aquisição, o conteúdo e seu estado de conservação. As fichas, assim como as fotos, foram digitalizadas e gravadas em CD-Rom; posteriormente serão impressas e armazenadas em arquivos específicos para sua função.

A digitalização das fotos e de suas fichas facilita o acesso à pesquisa, pois protege o original, diminuindo seu manuseio e também, impedindo de apropriações indevidas. As fotos estão inventariadas e guardadas em pastas, o número do inventário e da pasta permite que a fotografia seja localizada facilmente. A localização da imagem no acervo deve ser feita por um estagiário ou

funcionário responsável pelos cuidados com o acervo, visto que pesquisadores não devem ter livre acesso às peças.

O próximo item se refere à forma de aquisição das fotos e está subdividido em compra, arquivo da instituição, doação, permuta e outros. Há um espaço para observações, na qual pode ser explicada, resumidamente, sua origem.

As informações, quanto ao conteúdo do acervo, que serão explicadas posteriormente e se dividem em: legenda; cor, dimensões, suportes; temática; palavras-chave; data da fotografia; local; dedicatória; outras fontes ou imagens relacionadas; fotógrafo ou estúdio.

O último campo se refere ao estado de conservação da imagem. Está subdividido em opções, que devem ser selecionadas: bom, regular ou ruim. Além de informar se a foto apresenta manchas, rasgos, fungos, escritos, selos ou outro tipo de deterioração.

3.b – Explicação Quanto ao Preenchimento

Para o preenchimento da ficha catalográfica se deve seguir as orientações do Manual Para Documentação de Documentos Fotográficos, publicado pela FUNARTE, que estabelece procedimentos padronizados de catalogação das imagens. É importante salientar que os documentos fotográficos diferem dos materiais bibliográficos, pois dificilmente possuem dados claramente expressos para sua descrição. Frequentemente as informações terão de ser atribuídas ao catalogador, partindo da análise física do documento, de seu conteúdo e de uma exaustiva pesquisa em outras fontes. Para analisar um documento é necessário que o catalogador tenha atenção ao descrever uma fotografia, evitando observações pessoais e as extrapolações que acrescentem ou deturpem o conteúdo da foto, provocando uma leitura restrita da imagem. Embora a interpretação seja válida, o objetivo principal deve ser o relato mais fiel possível dos elementos que constituem a fotografia.

Número do inventário: às imagens foi dado um número de inventário, o critério e a sequência foram aleatórios, para o caso da aquisição de novas

fotografias e assim evitando as mudanças constantes na numeração. Escolhemos as letras CMP (Colégio Municipal Pelotense) para identificar a instituição, e um número, partindo do 001, ficando da seguinte forma CMP-001, tomamos como base o que foi feito, anteriormente, no Centro de Documentação Musical do Conservatório de Música da UFPEL. As fichas devem ser organizadas nesta seqüência.

Pasta: no momento contamos com três pastas, sendo uma pasta do tipo caixa-arquivo; uma pasta, de tamanho A4 e uma outra, de tamanho A1, ambas de polionda. O número das pastas começa no 01, seguindo até o número que for necessário.

Forma de aquisição: o catalogador deve selecionar a opção que corresponde à forma de como a imagem passou a fazer parte do acervo. As opções são as seguintes: compra, doação, arquivo da instituição, permuta e outros. No espaço para observações acrescenta-se qualquer tipo de informações que não constem nas opções anteriores, ou então, quando a opção 'outros' for marcada, se deve explicar qual a forma de aquisição da imagem.

Legenda: este espaço só é preenchido se houver informações escritas na própria imagem (frente e verso), ou em outro tipo de documentos, que possa ser usado como legenda para a imagem. Além disso, deve ser copiada da mesma forma que está no seu lugar de origem. Não havendo referências, deve-se marcar com um traço.

Cor, dimensões e suportes: inicialmente, dizemos se a fotografia é PB ou colorida. É necessário especificar suas dimensões (altura x largura) em centímetros e também, se há existência ou não de suporte, registrando, também, suas dimensões.

Temática: este campo tende a facilitar a pesquisa dividindo as imagens em grupos e subgrupos. Foram feitas algumas alterações neste item que não se encontram no trabalho de pesquisa sobre o Acervo Fotográfico do Conservatório de Música, o qual tomamos como guia para esta monografia. São eles:

- Espaço: são as fotografias que mostram partes do prédio, deixando em evidência suas qualidades e utilidades. Foi necessário à divisão deste grupo em subgrupos:
 - a) Salas de aula: mostram as salas do Colégio Pelotense com seu mobiliário, cartazes e objetos. Em algumas aparecem grupos de

alunos, que por estarem naquele ambiente consideramos como fazendo parte desta temática;



Fig. 09 – Sala de aula, segundo prédio do Colégio Pelotense
Dimensões: 16,5x22cm
Sem data
Fonte: CMP-220

- b) Biblioteca: exibem as estantes de livros, as mesas e cadeiras nos mostrando uma parte de como era a organização deste setor (Fig.10);



Fig. 10 – Biblioteca, atual prédio do Colégio Pelotense. Dimensões: 17,5x23cm. Sem data. Fonte: CMP-227

- c) Sala dos funcionários: apresenta o ambiente de trabalho, com todos os objetos a qual dela fazem parte;
- d) Secretaria: mostram as mesas dos funcionários, armários, balcão de atendimento e objetos como a máquina de datilografia (Fig.11);



Fig. 11 – Secretaria, segundo prédio do Colégio Pelotense. Dimensões: 12x17cm; suporte, 19,5x24,5cm. Sem data. Fonte: CMP-235

- e) Laboratórios: local destinado para as aulas práticas;
 - f) Prédio: registram partes do interior e do exterior do prédio.
- Pessoas: neste campo estão incluídas as fotos cujo centro é as pessoas, independente de sua função. A maioria das fotografias está vinculada a esta temática. A variedade de figuras retratadas fez com que este tema fosse dividido em outros subgrupos:
- a) Professores, funcionários e alunos: são as fotografias onde aparecem professores, funcionários e alunos ocupando lugar de destaque.
 - Grêmio dos Estudantes do Colégio Pelotense: representa as atividades do grêmio, como reuniões, festas e passeatas (Fig.12).



Fig. 12 – Diretoria do Grêmio dos antigos alunos do Colégio
Dimensões: 17cmx23cm
Sem data
Fonte: CMP-221

- Ex-alunos: mostram os encontros dos antigos alunos.



Fig. 13 – Visita da turma de 1933 ao Colégio Pelotense
Dimensões 17,5x24cm
Data: 1973
Fonte: CMP-228

- Professores: incluem-se fotografias individuais, em grupos ou acompanhados por, porém os professores ocupam o plano principal, visto que a idéia seria de representá-los.
- Funcionários: este subgrupo nos mostra as fotografias onde os funcionários estão em destaque, de maneira a registrar sua presença na instituição.
- Alunos: fotos individuais ou em grupos feitas em sala de aula, auditório, pátio e outros lugares do colégio; em algumas fotos aparecem acompanhados de professores (Fig.14 – 15).



Fig. 14 – Grupo de alunos e professores
Dimensões: 17x22cm; suporte, 23,5x32,5cm
Sem data
Fonte: CMP-241



Fig. 15 – Grupo de alunos e professores
Dimensões: 11,5x18cm
Sem data
Fonte: CMP-205

Acontecimentos: as fotografias desse grupo são bastante variadas como desfiles, festas, exposições, solenidades, apresentações, reuniões, isto é, acontecimentos promovidos pelo próprio educandário. O preenchimento deste item deve ser feito do mais específico ao menos específico. Por exemplo: Acontecimentos/Grêmio dos Estudantes/Pessoas/Professores, funcionários e alunos.

Data: pode ser especificado dia, mês e ano, apenas mês e ano ou somente ano. Quando não houver nenhuma identificação de data, pode-se sugerir uma década na qual a fotografia esteja inserida tomando como base comparações com outras fotos e pesquisas. Caso não seja possível, usa-se um traço para identificar que a imagem não possui referência de data.

Local: informa onde foi realizado determinado acontecimento, como por exemplo: Auditório do Colégio, Sala dos Ex-alunos, Prefeitura Municipal de Pelotas. Podemos colocar também nomes de cidades, as quais podem ter sido citadas na dedicatória ou em outras partes da fotografia. Quando esta for realizada em estúdio, diz-se o nome do local, ainda que isto seja repetido posteriormente no campo referente ao fotógrafo ou estúdio. No caso de não haver identificação do local, marca-se apenas um traço.

Personagens: este campo facilita as pesquisas cujo tema seja determinado professor, por exemplo. Esta área aparecerá preenchida apenas quando estiver descrito o(s) nome(s) do(s) personagem(s). Ao longo do tempo as fotografias que fazem parte deste acervo ou as que se somarem a ele deverão ter seus personagens identificados, através da pesquisa em outras fontes ou pela comparação com fotos que possuem dedicatória, assinaturas...

Dedicatória: caso a imagem possua uma dedicatória a mesma deve ser transcrita. Deve-se transcrevê-la exatamente igual, independente do idioma. Quando não há dedicatória, marca-se com um traço, identificando assim, a sua inexistência.

Outras fontes ou imagens relacionadas: o seu preenchimento requer pesquisa em outros tipos de fontes, assim como para identificação dos personagens é necessário recorrer a jornais, atas, fichas e, mesmo fotografias.

Fotógrafo ou estúdio: aqui se especifica o nome de quem produziu a fotografia. Pode ser colocado o nome do fotógrafo ou estúdio, este último é mais fácil de ser identificado pois seu nome vem em forma de selos ou carimbos.

Fica em aberto o espaço para observações, que pode ser utilizado como complemento para qualquer um dos campos acima.

Estado de conservação: são apresentadas três opções (bom, regular, ruim) o responsável deve marcar uma delas, conforme o estado em que se encontra a fotografia. Em geral, as fotografias encontram-se em bom estado de conservação, algumas estão desbotadas, amareladas ou apresentam manchas, o que não chega a interferir no estado de conservação das imagens. As fotos em estado regular são aquelas que têm fungos, rasgos, manchas e escritos. No acervo não há fotos em estado ruim de conservação.

Ainda neste item, temos um campo para a descrição dos problemas apresentados pelas fotografias. São as opções: manchas, rasgos, fungos, escritos, selos e outros. No caso de ser selecionada a opção 'outros', é conveniente especificar qual o problema, no campo das observações.

No momento, não serão impressas as fichas catalográficas. Ficarão disponíveis em CD-Rom. A impressão poderá ser feita em folhas de papel sulfite, tamanho A4, de gramatura 120 sendo armazenadas em pastas, do tipo arquivo ofício, de quatro ganchos; esta é uma forma econômica e segura de mantê-las.

Nas fichas as fotografias foram dispostas de maneira igual, indiferente de ser em formato paisagem (o sentido horizontal é maior que o vertical) ou em formato retrato (o sentido vertical é maior que o horizontal). Todas foram centralizadas e suas informações colocadas abaixo, começando pelo número de inventário. O que diz respeito ao estado de conservação encontra-se no verso da ficha.

Nas configurações de página optou-se em 3cm no lado esquerdo e na parte superior, 2cm no lado direito e na parte inferior. Estas medidas facilitam a pesquisa na pasta arquivo que exige um espaço maior do lado esquerdo pois é onde ficam presas as folhas.

Para sua utilização no Banco de Dados Digital, as fotos foram processadas no Corel Photo-Paint 9; as fotografias grandes foram digitalizadas com resolução de 75 dpi e as pequenas com resolução de 50 dpi, padrão CMYK, sendo

colocadas no formato JPEG, que é mais compacto e próprio para a exibição em telas de computadores.

A organização de um acervo fotográfico somente se torna possível no momento em que todos os interesses estão voltados para sua conservação. Seguindo as normas adequadas e fundamentais para a preservação tornar-se-á possível efetivar a salvaguarda de valiosas imagens que retêm uma parte significativa da história sócio-cultural de Pelotas.

Acervo Fotográfico do Colégio Pelotense



Nº do inventário: CMP-235 Pasta nº: 02

Forma de Aquisição:

☐ compra ☒ arquivo da instituição ☐ doação ☐ permuta ☐ outros

Observações:

Legenda: -

Cor, dimensões e suportes: PB, 12x17cm, suporte: 19,5x24,5cm

Temática: Prédio/Espaço/Secretaria/Funcionário

Data: -

Local: -

Personagens: -

Dedicatória: -

Outras fontes ou imagens relacionadas: CMP-199/CMP-200/CMP-201

Fotógrafo ou estúdio: -

Observações:

Estado de conservação:

☐ bom ☒ regular ☐ ruim

Apresenta:

☒ manchas ☐ rasgos ☐ fungos ☐ escritos ☐ selos ☒ outros

Observações:

A foto apresenta carimbo do Colégio no verso.

3.c – Acervos Fotográficos Digitais

O computador tem auxiliado muito no trabalho de reprodução de imagens, algumas instituições já possuem seu acervo digitalizado. Entende-se por acervo fotográfico digital, um conjunto de imagens reproduzidas através da captura de uma representação já existente; a mesma pode ser realizada de várias maneiras, o sistema de varredura produzido pelo scanner é a forma mais usada. Esse aparelho acoplado ao computador capta o documento impresso e o transforma em documento eletrônico do tipo imagem.

O ato de produzir uma imagem digital está ligado a sua conservação, catalogação e difusão das informações. Dessa maneira, o uso do computador na formação de arquivos digitais se torna vantajoso. Usando uma ficha catalográfica digitalizada, é possível deixá-la mais detalhada, aprofundando as informações presentes no cadastro principal. Além de facilitar o acesso às imagens e ao seu conteúdo, evita o sucessivo manuseio das fotografias e também abre espaço para novas pesquisas.

É bom lembrar que a catalogação de uma coleção fotográfica e as anotações detalhadas sobre o conteúdo de cada imagem exige um grande esforço dos envolvidos, ao mesmo tempo em que os documentos serão manuseados constantemente. Para isso, será importante ter uma equipe treinada quanto aos procedimentos de manuseio, isto irá minimizar os danos que podem ocorrer no período de transferência da coleção para o formato digital. A vantagem em armazenar coleções inteiras de imagens fotográficas em um disquete está na economia de espaço e na distribuição de informações.

Segundo MUSTARDO (1997, p.24), “um melhor acesso e uma distribuição de informação cada vez maior, contribuem para a democratização da informação ou seja, ela chegará aos lugares mais remotos do planeta bastando ter um computador e um software apropriado para acessá-la. Embora as imagens eletrônicas tragam benefícios imediatos é importante manter a segurança e a preservação, ao longo prazo, de fotografias originais.

KENNEDY (2001, p.19), salienta que “sem a preservação ao longo prazo dos materiais originais, não teremos nada a que recorrer, caso a tecnologia digital de hoje venha demonstrar imprevistas desvantagens no futuro”. Assim como as fotos originais, os disquetes também devem ter uma armazenagem correta, a presença de poeira, de umidade e até arranhões provocados pelo manuseio incorreto ou pela falta de higiene poderá ocasionar a perda parcial ou total das informações adquiridas anteriormente.

Com o auxílio do computador pode-se restaurar fotografias. Seus serviços podem ser usados para reparar danos como rasgos ou manchas, além de possibilitar o realce de cores em fotos que apresentam um desbotamento causado pela ação do tempo. Nesses casos a informação foi restaurada, mas o original foi mantido, respeitando sua integridade. Uma vez digitalizada a foto, precisamos da ajuda de um equipamento para observá-la, com isso se perde a sensação mágica de segura-la, de tê-la nas mãos, de ser vista a olho nu, coisa que ficará restrita a poucos. Mas para preservar e conservar a fotografia como documento histórico e fonte de informação é necessário restringir o seu acesso, o contrário acontece com as imagens digitais que embora, muitas vezes, sofrendo pequenas ou grandes alterações, se tornaram populares, a ponto dos originais serem supervalorizados.

O armazenamento recomendado para disquetes, CD-Rom e outros, de acordo com MUSTARDO (1997, p.25), “é usar baixos níveis de temperatura e de umidade relativa, num meio ambiente limpo e livre de partículas e poluentes gasosos...” A preservação dos dispositivos de armazenamento eletrônico se faz pela sua freqüente duplicação e proteção, bem como atualizações periódicas para acompanhar o rápido desenvolvimento da indústria da informática.

Para evitar a cópia desordenada de fotografias, ZUÑIGA (1998, p.335) aponta como primeiro passo “reunir as instituições do Ministério da Cultura detentoras de coleções de imagens, para a elaboração de uma política que trate da guarda e, sobretudo, do uso dessas coleções.”

A reprodução desenfreada de imagens banaliza a fotografia, uma vez que esta pode ser manipulada por meios eletrônicos tendo seu conteúdo alterado e passando uma informação distorcida para quem as contempla, o grande público.

CONCLUSÃO

A fotografia retém imagens que podem ser de nós mesmos, de outras pessoas, de lugares onde passamos. Ela pode despertar a memória para fatos ou elementos que de alguma forma contribuíram para a formação do cidadão.

Nosso propósito de organizar e conservar o acervo do Colégio Municipal Pelotense foi de contribuir para a preservação da memória desse educandário, além de propiciar o fortalecimento da identidade coletiva, pois é no encontro de culturas, onde cada um faz a sua trajetória enriquecendo, assim, a sua história e a dos outros.

A partir do levantamento bibliográfico e da coleta de dados nos foi possível tecer afirmativas no que tange à relação entre escola e sociedade. A escola é um espaço de troca de experiências, buscas, choques ideológicos, vivências e conflitos. O Colégio Municipal Pelotense foi fundado pela Maçonaria, veio atender as necessidades dessa comunidade, tendo sua organização baseada nos princípios maçônicos, havendo naquela época uma grande disputa ideológica com os católicos.

A análise detalhada das fotografias nos mostra toda a organização administrativa, a disciplina dos alunos, o cuidado com o uniforme que lembra um fardamento militar, inclusive a mudança de classes masculinas para mistas, onde a presença feminina se destaca tanto entre professores quanto entre os alunos, além da transferência de prédio e do mobiliário. É possível observar a modernização que sofreu a escola após sua municipalização. Dessa forma, podemos perceber o que um dia foi presente e que agora é uma representação do passado, compondo assim a memória do Colégio Municipal Pelotense.

O objeto de estudo dessa monografia, o acervo do Colégio Pelotense, composto de duzentas e quarenta e três fotos e um clichê foi totalmente inventariado ficando disponibilizado em envelopes individuais e numerados, acondicionados dentro de pastas de polionda, também numeradas. Sendo: vinte e seis fotos do prédio (ambiente interno e externo do colégio); trinta e uma fotos referentes a acontecimentos (festas, reuniões, desfiles entre outros); vinte e três fotos, relativas a professores, alunos e funcionários; cento e sessenta e três fotos pertencem ao Grêmio (incluindo passeatas e reuniões), embora existam publicações não se encontra em nenhuma delas fotos das passeatas e cartazes do Grêmio dos Estudantes do Colégio Pelotense.

Além disso, todas as fotografias foram digitalizadas. Ao todo são quatro CDs, cada um formado por temáticas diferentes. Para cada foto, existe uma ficha com explicações detalhadas, como: número de inventário; número da pasta onde pode ser encontrada a imagem; forma de aquisição; legenda; acontecimentos; data; local; personagens; dedicatória; fotógrafo ou estúdio; estado de conservação.

A cópia desta pesquisa e os CDs serão entregues ao Museu do Colégio Municipal Pelotense, o qual foi inaugurado em outubro de 2005. Sob a responsabilidade de dois professores da instituição, a organização dos documentos é feita por eles e por alunas que freqüentam o Curso Normal.

O uso dos meios eletrônicos na reprodução e restauração de fotografias tem sido muito difundido na organização e conservação de coleções fotográficas, mas a fragilidade que ainda envolve os suportes digitais exige e justifica essa preocupação com a salvaguarda dos originais.

Assim podemos apreender que por mais avançadas que estejam as tecnologias para informatização de acervos caberá a toda instituição, pública ou privada, reunir esforços conservacionistas para manter a sua história concretizada através da imagem.

Essa pesquisa não pretende ser conclusiva sobre a conservação de acervos de fotografia. Cumpre seu propósito de conservar a memória fotográfica do Colégio Municipal Pelotense responsável pela formação educacional de muitas gerações. Todavia, muitos estudos far-se-ão necessários para que tenhamos afirmativas que nos levem a conclusões inequívocas sobre conservação e fotografia, ante a complexidade desse tema.

REFERÊNCIAS

1 – Fontes Impressa

IRUZUM, Gregório R. (org). **Histórico do Colégio Municipal Pelotense – 1902/1952**. Pelotas: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1952.

2 – Referências

ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais. **Lei do Direito Autoral**. Disponível em: <<http://www.abracor.com.br/novosite>> Acesso em 05 jan. 2006.

AMARAL, Giana Lange do. **O Gymansio Pelotense e a Maçonaria**. Pelotas: UFPEL, 1999.

CARTIER-BRESSON, Anne. **Uma Nova Disciplina: a Conservação-restauração de Fotografias**. In: CADERNOS TÉCNICOS de Conservação Fotográfica. Ministério da Cultura. Fundação Nacional de Arte – Funarte: Rio de Janeiro, 1997.

Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05/10/1988 / Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira – 5ª ed., atual – São Paulo: Saraiva, 1991 – (Série Legislação Brasileira).

FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia: Usos e Funções no Século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FILIPPI, Patrícia de. [et al]. **Como Tratar de Coleções de Fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GONÇALVES, Paulo Marcant. **Memórias dos Gatos-Pelados**. Pelotas: UFPEL, 1988.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Caderno nº 3 – Cartas Patrimoniais**. Brasília: I.P.H.A.N., 1995.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

MANUAL Para Catalogação de Documentos Fotográficos. [et al]. Ministério da Cultura, FUNARTE: Fundação Biblioteca Nacional: Instituto de Arte e Cultura, 2ª edição. Rio de Janeiro, 1997.

MANUAL de Conservação Fotográfica. [et al]. Ministério da Cultura, FUNARTE: Fundação Biblioteca Nacional: Instituto de Arte e Cultura. Rio de Janeiro, 1997.

MICHELON, Francisca. **O Realismo Fotográfico Como Qualidade Inerente à Foto Enquanto Documento**. In: HISTÓRICA: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nº 2, 1997 – Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

MUSTARDO, Peter. KENNEDY, Nora. **Preservação de Fotografias: métodos básicos para salvaguardar suas coleções**. Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos. 2ª edição. Rio de Janeiro. 2001.

MUSTARDO, Peter. **Preservação de Fotografia na Era Eletrônica**. In: CADERNOS TÉCNICOS de Conservação Fotográfica. Ministério da Cultura. Fundação Nacional de Arte – Funarte: Rio de Janeiro, 1997.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **O Acervo Fotográfico do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas: caracterização e organização de ficha catalográfica**. Monografia de Especialização em Patrimônio cultural – Conservação de Artefatos pelo Instituto de Arte e Design da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2003.

PAVÃO, Luís. **Conservação de Fotografia – o essencial**. In: CADERNOS TÉCNICOS de Conservação Fotográfica. Ministério da Cultura. Fundação Nacional de Arte – Funarte: Rio de Janeiro, 1997.

QUEIROZ, Ney Faria. **Histórico do Colégio Municipal Pelotense – 1902/1983**. Pelotas, RS: Ed. UFPEL, 1986.

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada: da Pré-história ao Pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ZUÑIGA, Solange. **Divagações Mais ou Menos Contemporâneas Acerca das Coleções de Imagens**. In: REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E Artístico Nacional, nº 27. Ministério da Cultura. 1998.

3 – Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: O Pintor da Vida Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIANCO, Bela Feldman. LEITE, Miriam L. Moreira (org.). **Desafios da Imagem**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1991.

BRANDI, Cesari. **Teoria de la Restauracion**. Buenos Aires: Alianza Editora, 1993.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a Poética do Banal**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

KOSSOY, Boris. **Hércule Florence: 1833 a Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

KOZLOFF, Max. **A Subjetividade, a Fotografia e Suas Múltiplas Leituras**. In: Feito na América Latina, II Colóquio Latino-americano de Fotografia. México. Conselho Mexicano de Fotografia, 1987.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O Que É Fotografia**. Editora Brasiliense. 3ª edição. São Paulo, 1988.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Colégio Municipal Pelotense – 100 anos**. Edição Comemorativa. Pelotas Memória. Ano 13. 2002.

MORAES, Olga R. de. **Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-sociológica: Reflexões de Pesquisa**. In: Boletim do Centro de Memória, vol. 3, nº 5. Jan/jun. Campinas: UNICAMP, 1991.

MURTA, Stela Maria. ALBANO, Celina. **Interpretar o Patrimônio: Um Exercício do Olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Território Brasilis, 2002.

TELLES, Leandro S. **Manual do Patrimônio Histórico**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em arte: Um Paralelo Entre Arte e Ciência.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

